

# Times prevê fracasso

Tina Evaristo  
Do equipe do **Correio**

O pacote fiscal anunciado na quarta-feira pelo ministro da Fazenda Pedro Malan despertou opiniões contrárias em políticos e economistas de todo o mundo. Gente de peso, como o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, a cúpula do Fundo Monetário Internacional (FMI), e o secretário do Tesouro norte-americano, Robert Rubin, apoiaram as medidas do governo brasileiro.

"O plano vai possibilitar uma redução considerável do déficit público do país", disse Lawrence Summers, vice-diretor do Tesouro norte-americano.

Os economistas, porém, advertem que o outro lado da moeda pode não ser tão atraente. "Aumentar impostos é a maneira mais fácil de produzir receita, mas é preciso considerar os efeitos colaterais dessa medida na economia: a recessão", declarou Joyce Chang, analista de mercados emergentes do banco Merrill Lynch.

As palavras de Chang receberam total apoio do jornal norte-americano *The New York Times* (-NYT), uma das publicações mais influentes do mundo. Em sua edição de ontem, o jornal afirmou que o plano de ajuste não vai curar o Brasil e acrescentou que os US\$ 30 bilhões em empréstimo do FMI, acrescidos de outros tantos bilhões, retirados dos cofres públicos dos Estados Unidos, tampouco servirão de escudo para proteger o real de uma desvalorização.

Até o dia do pronunciamento de Malan, o jornal era um dos principais defensores no exterior das políticas adotadas pelo Brasil. Diz-se agora, temeroso de que o dinheiro do Fundo, depois de repassado ao Brasil, termine nas contas de investidores estrangeiros.

Tudo indica que o Brasil está mais perto dos US\$ 30 bilhões. O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Enrique Iglesias, informou que o auxílio deverá sair na próxima semana. "Estamos muito confiantes nesse ajuste fiscal", disse. O BID fornecerá US\$ 4,5 bilhões do total.

O governo americano tem fortes razões para aliar-se ao Brasil, principal economia latino-americana, na batalha pela preservação do real. Exemplos anteriores (na Ásia e Rússia) mostram que em nenhuma situação os bancos centrais conseguiram manter as rédeas da desvalorização e a moeda acabou caindo muito mais do que o realmente necessário. Como resultado, as empresas dos Estados Unidos perderam grandes clientes para suas exportações.

Segundo o jornal, as esperanças de Summers e do vice-diretor-gerente do FMI, Stanley Fisher, de conter a proliferação da crise financeira na América Latina por meio do "despejo de dinheiro" no Brasil, não terá vida longa. Os economistas ouvidos pelo jornal afirmam que o plano brasileiro utiliza políticas financeiras inconciliáveis.

"O pacote reúne cortes de gastos, aumento de impostos como forma de reduzir o déficit e taxas de juros altas para impedir a saída de capital. Acho que o Brasil vai precisar de muita oração", diz Morris Goldstein, do Instituto de Economia Internacional.

## The New York Times

*Os únicos beneficiários do empréstimo bilionário do FMI ao Brasil serão os grandes aplicadores da Bolsa de Nova York. Se o Fundo ajudar o país, o dinheiro terminará em contas de bancos suíços, engordando ainda mais os lucros dos investidores estrangeiros.*

## THE WALL STREET JOURNAL

*Várias medidas do pacote brasileiro já eram conhecidas pelo mercado. A falta de novidade, associada à futura batalha entre governo e Congresso para aprovar o plano, desanimou os investidores. Eles também gostariam que anúncio viesse acompanhado da ajuda do FMI.*

## FINANCIAL TIMES

*O plano de austeridade fiscal do Brasil não esclarece se as Bolsas de Valores do país ficarão isentas da CPMF. O governo quer aumentar a contribuição de 0,2% para 0,38%. Analistas acreditam que os investidores vão preferir por dinheiro em outro lugar se forem taxados.*



*Os principais sindicatos do Brasil declararam que as medidas do governo vão agravar a crise econômica e aumentar o índice de desemprego. O programa, que inclui a elevação de impostos e outras contribuições, recebeu aprovação do FMI.*



*Pelo plano de austeridade fiscal do Brasil, o funcionalismo público pagará uma boa parte das contas do governo. As medidas que serão adotadas pelo país afetam diretamente a classe. No primeiro ano de vigência do plano, o governo espera economizar cerca de US\$ 23,5 bilhões.*

Como solução para o Brasil, o jornal fornece os conselhos de Jeffrey Sachs, do Instituto de Desenvolvimento Internacional de Harvard, e de Rudiger Dornbusch, do Instituto de Tecnologia de Massachussets. Ambos notoriamente conhecidos por manifestações contrárias à política monetária brasileira.

O primeiro defende a derrubada das taxas de juros e a livre flutuação do real no mercado cambial. "Não se deve tentar salvar moedas sobrevalorizadas", ensina Sachs. Dornbusch, por sua vez, é a favor de que o país adote o Plano de Conversibilidade, o mesmo introduzido na Argentina em 1991 pelo então ministro da Economia, Domingo Cavallo. Por esse sistema, o valor do real estaria atrelado ao do dólar e a desvalorização deixaria de ser uma ameaça.